



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

MULHERES NEGRAS DO BAIRRO “CABELO SECO” (MARABÁ-PA): ENTRE O SILENCIAMENTO E A AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA

Autora (1) Juliana Barbosa Sindeaux; Co-autor (1) Marcos Antonio Silva dos Santos; Co-autor (2) Janailson Macêdo Luiz (orientador)

Autora (1) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará email: ju.sindeaux@unifesspa.edu.br Co-autor (1) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará email: marcos.santos@unifesspa.edu.br Co-autor (2) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará email: janailsonmacedo@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo busca discutir a construção da identidade das mulheres negras no bairro Francisco Coelho, conhecido popularmente como bairro do “Cabelo Seco”, na cidade de Marabá, localizada na região Sudeste do Pará. A escolha do tema deve-se ao nome popular dado ao bairro pelos moradores, que faz referência aos cabelos ditos “pixaim” de suas primeiras moradoras. Essa origem, retratada por alguns dos moradores, nos leva pensar nas mulheres como figuras importantes na constituição do bairro. Através da história oral buscamos informações junto aos moradores mais antigos do bairro, dando preferência às mulheres lavadeiras, parteiras e rezadeiras, já que, junto à atividade da pesca, foram as primeiras atividades desenvolvidas no bairro. Acreditamos que este trabalho representa uma importante colaboração para os estudos étnico-raciais, tendo em vista que tem por natureza abordar não somente a comunidade que deu origem uma cidade, mas também versa sobre o estudo de uma das personagens principais da história dessa formação, que é a mulher negra. Nesse sentido, pudemos observar durante as etapas iniciais do estudo que embora no bairro o processo de afirmação da identidade da mulher negra se encontre em reconstrução, com a presença de agentes, a exemplo de ativistas do movimento negro, provedores de ações que buscam apresentar a importância da constituição de uma consciência negra e de uma maior visibilidade da importância das mulheres negras, ainda são fortes, sobretudo nas gerações mais velhas, os silêncios e reticências sobre a história das mulheres no/do bairro.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, “Cabelo Seco”, Consciência Negra.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a maior parte das narrativas voltadas para o papel das populações negra na construção da sociedade brasileira são marcadas, quando não pela invisibilidade com relação a trajetória dos afrodescendentes no Brasil, pela naturalização dos estigmas, marginalizações e interiorizações que esses sujeitos sofrem em nosso país.

Muitas vezes, a criança (negra ou branca) cresce ouvindo as histórias que reafirmam a opressão e inferiorização dos grupos negros em relação aos brancos e, por vezes, reproduzem essa distinção no seu dia-a-dia, contribuindo para a cristalização das desigualdades entre os grupos étnico-raciais. Torna-se, desse modo, recorrente o surgimento, entre o grupo oprimido, de um sentimento de vergonha em relação a suas características físicas, refletido na tentativa de embranquecer. De acordo com Munanga (2012), por exemplo, boa parte das mulheres que possuem cabelos crespos, característica vinculada aos cabelos das mulheres negras, aderem a recursos de alisamento capilares, na tentativa de aproximação da aparência das mulheres brancas.

Tal quadro demonstra a importância de produções científicas com foco nas questões raciais, possibilitando não somente dar maior visibilidade para a temática da história e cultura dos afrodescendentes no Brasil, mas desnaturalizar estereótipos enraizados em nossa sociedade com relação a esses grupos, como aquele que apregoa que os cabelos crespos são “cabelos ruins”. Assim, escolhemos como objeto de estudo dentro da cidade de Marabá-PA, o bairro Francisco Coelho, popularmente conhecido como “Cabelo Seco”, bairro que deu origem à cidade e que é caracterizado pelos moradores como habitado predominantemente por indivíduos negros.

Outros estudos já foram realizados sobre o bairro, enfocando direta ou indiretamente a temática étnico-racial, a exemplo das pesquisas realizadas por Oliveira (2008), Rodrigues (2005) e Silva (2006). Entretanto, essas abordagens não tiveram como foco as mulheres negras em específico. Por isso, compreendemos ser importante realizar uma investigação voltada para a construção e afirmação da identidade negra entre as mulheres do bairro



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“Cabelo Seco”, sobretudo devido ao próprio nome do bairro, como será explorado adiante, estar diretamente associado a presença das mulheres negras naquela espaço.

Analisar a história das mulheres em nossa sociedade significa mergulhar numa realidade carregada de lutas, resistências e formas várias de agenciamento, sejam voltadas para questões de gênero (SCOTT, 2014), de classe, ou étnico-raciais.

O trabalho, que se encontra em desenvolvimento, está centrado nos seguintes objetivos: entender como se dá a relação entre a afirmação da identidade negra e a história de vida das mulheres do bairro; buscar perceber se há uma relação entre esse grupo com a associação de moradores, o Movimento Negro ou outra entidade representativa em torno da discussão étnico-racial; e identificar como se dá o processo de socialização entre as mulheres negras e o restante da comunidade. Acreditamos que este trabalho representa uma importante colaboração para os estudos étnico-raciais, tendo em vista que tem por natureza abordar não somente a comunidade que deu origem uma cidade, mas também versa sobre o estudo de uma das personagens principais da história dessa formação, que é a mulher negra.

Para produção deste artigo, utilizamos como instrumento metodológico, durante a constituição da pesquisa de campo, a história oral. De acordo com Alberti (2008), “ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (p. 156). Esse método, portanto, fundamental para a produção de fontes que vem nos auxiliando na compreensão do nosso problema.

A CONSTRUÇÃO DO BAIRRO DO “CABELO SECO”

O bairro Francisco Coelho, conhecido com “Cabelo Seco”, faz parte de um dos três núcleos urbanos da cidade de Marabá, situada no Sudeste do Pará; município que, por sua vez, apresenta uma população negra equivalente a 78% do total de habitantes (IBGE apud BENTES 2013, p. 71).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A formação da cidade foi marcada por migrantes oriundos das diversas frentes de expansão ocorridas no decorrer do século XX. Por meio das migrações, a população da cidade foi sendo constituída por um contingente populacional que vinham em busca de emprego e melhores condições de vida, em especial a população negra, e depois de instalados se destinavam à extração e comercialização da castanha-do-pará, ao garimpo de diamantes, no trabalho nas fazendas de gado, entre outros (SILVA, 2006). O bairro “Cabelo Seco” é considerado marco inicial da cidade de Marabá e localizar-se na confluência dos rios Tocantins e Itacaiúnas. Era por meio desses dois rios, que se realizava nos primeiros anos do século XX, a entrada de pessoas e a compra e venda de mercadorias. Seu nome oficial é uma homenagem ao fundador da cidade de Marabá, Francisco Coelho, porém, é mais conhecido por “Cabelo Seco” por se referir, dentre outras explicações populares, ao fenótipo das primeiras moradoras, fazendo menção ao cabelo “pixaim” das mulheres, marcada pela descendência africana.

A presença da população negra no bairro do Cabelo Seco se fez também presente nas diversas manifestações culturais que foram construídas socialmente ao longo da história do Município de Marabá, como a dança do Boi Bumbá, Quadrilha Junina, a Festa do Divino, Festa de Santos Reis, São Lazaro e o Cordão de Pássaro. Além de uma forte presença das religiões de matriz africana, notadamente o Terecô. Nos últimos anos, todavia, tem-se observado uma diminuição dessas manifestações dentro do bairro. Assim, o bairro Cabelo Seco tem sido utilizado como campo de pesquisa por diferentes áreas do conhecimento no Pará. Neste sentido, veremos brevemente alguns destes estudos.

REVISÃO DA LITERATURA

O trabalho intitulado “Migração e cultura no sudeste do Pará”, trata-se de uma dissertação escrita por Idelma Santiago da Silva (2006), e discute a questão da migração na região sudeste do Pará. Em alguns momentos da discussão, a autora aborda a importância da migração negra maranhense para a cidade de Marabá. Destaca também, as discriminações e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

invisibilidades referentes às mulheres, relacionando sua presença na cidade. Em 1984, por exemplo, a prefeitura de Marabá realizou um evento em comemoração aos seus 71 anos de sua emancipação e um de seus fins era a homenagem aos indivíduos considerados importantes para formação da cidade de Marabá. Na ocasião, foram homenageadas dez pessoas, sendo oito homens e apenas duas mulheres, uma delas conhecida por Dona Maria Pretinha, única mulher negra laureada. Apesar de a autora retratar a situação da população negra na região, pouco se tem falado das mulheres negras. Quando são mencionadas, ela não as coloca como foco principal, pelo fato de sua investigação se debruçar mais especificamente sobre a temática da migração.

Outro trabalho a ser analisado é a monografia escrita por Eric de Belém Oliveira, intitulado “Cabelo Seco: No encontro dos rios, encontro de memórias”; estudo realizado em 2008. No estudo, o autor se preocupa em discutir a presença da população negra no bairro Francisco Coelho, mais conhecido com “Cabelo Seco”. Ao longo do trabalho, faz uma breve análise da história das mulheres inseridas no bairro, destacando algumas das atividades desempenhadas por elas.

Em relação a essas atividades, Oliveira (2008) destaca além das rezadeiras, lavadeiras e parteiras, também aquelas mulheres que, realizando ou não essas funções, atual também no cuidado do lar e da família, entre outras atividades que fizeram delas uma das principais protagonistas para que a cidade de Marabá encontrasse as condições necessárias para sua expansão. Em uma de nossas visitas no “Cabelo Seco” tivemos a oportunidade de conversar com uma senhora chamada de Josefa, uma rezadeira de 66 anos de idade que reside ali desde seu nascimento. Ela nos contou que aprendeu as rezas com sua mãe, que por sua vez, aprendeu com sua avó e assim sucessivamente, seguindo o critério do gênero dos indivíduos da família.

O fato de apenas a mulheres da família desempenharem essas funções, não significa que são exclusivas ao sexo feminino. De acordo com D. Josefa, seus irmãos também aprenderam a rezar junto com suas irmãs, mas não se interessaram pela atividade por acharem que “é coisa de mulher”. Segundo ela, existe apenas mais uma rezadeira no bairro,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

entretanto, essa não é muito procurada pelos moradores porque acreditam que ela não “é séria”. Por isso, D. Josefa atende várias pessoas não só do “Cabelo Seco”, mas também de outros núcleos urbanos da cidade de Marabá. Configurando, assim, uma importante figura feminina dentro do bairro.

Apesar de o autor identifica-las como elemento importante na constituição do bairro, não dá ênfase ou não as coloca como protagonistas dessa construção. Por outro lado, faz análises mais precisas, se comparado a Silva (2006) no que se diz respeito a figura da mulher, visto que ele identifica o processo de invisibilização sofrido por elas ao longo dos anos, pois mesmo considerando sua importância para formação da comunidade, tem sido esquecidas pela História. Contudo, apesar do trabalho de Oliveira (2008) apresentar algumas lacunas no que se diz respeito à presença da figura feminina dentro do bairro, o autor consegue apresentar elementos importantes e que merecem ser destacados.

Durante a análise das literaturas produzidas acerca do bairro Francisco Coelho, foi observado que a figura da mulher negra não tem sido abordada com muita frequência e quando o é, não é dada uma atenção detalhada. Além disso, ao falar mais especificamente sobre o nome do bairro Cabelo Seco, todos contam que esse nome faz referência as mulheres negras que sobreviviam da prostituição e que foram dessas mulheres que surgiu o nome do bairro, além de ser lembrado por causa dos famosos cabelos pixaim dessas mulheres. Mas, apesar de possuírem as mesmas justificativas para o nome nenhum deles conseguiram avançar no sentido de pesquisar mais a fundo sobre essa justificativa.

Por fim, outro trabalho que achamos pertinentes à nossa pesquisa, é o de Valdir da Cruz Rodrigues, realizado em 2005, com o título “Definições e relações raciais em Marabá/PA: O bairro do Cabelo Seco.”. Esse estudo, diferentemente dos demais autores, preocupou-se em problematizar as relações raciais no Cabelo Seco. Seu foco é conhecer de que forma os moradores e moradoras do bairro compreendem as dimensões em torno de raça e cor e dos reflexos desta representação na vida comunitária. Percebe-se pelos dados coletados por ele, que os moradores do “Cabelo Seco” identificam o bairro como constituído na sua maioria por pessoas negras, e indicam o racismo como presente apenas no seio da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociedade marabaenses (excluindo o bairro). No entanto, também se estabelece contradições, de acordo com outras pesquisas, no que tange às questões referentes ao pertencimento racial, pois como apontado por Otávio Barbosa de Sousa, em entrevista concedida a Silva (2006, p. 28): “Quando se pergunta por negros em Marabá as pessoas sempre apontam o Cabelo Seco. Mas aqui não tem só negros, tem brancos também”. Neste sentido, o fato de aglutinar outros pertencimentos raciais ao bairro, constitui-se enquanto memória social fortemente assentada numa tradição negra, que necessita ser esquecida, relegada, como memória que não é importante para sociedade (*Idem*, p. 34).

Rodrigues (2005) fez uma discussão mais detalhada sobre a identidade étnico-racial. Dentre suas entrevistas, nos chamou atenção a de D. Joana, uma senhora aposentada e descrita pelo autor como tendo características de uma pessoa branca.

P: A senhora acha que existe racismo no Brasil?

D.J: Olha, eu acho que o próprio negro é racista.

P: Como assim?

D.J: Veja bem: procure um preto famoso que tenha casado com uma mulher negra? Não tem! Isto é uma forma de ser racista.

Não deveria ser assim. Cada um deveria procurar o de sua cor. (RODRIGUES, 2005, p 21).

Na fala de D. Joana podemos identificar duas esferas diretamente relacionadas: uma econômica e uma social. Ao atingir um patamar econômico diferente do dos demais, um indivíduo negro passa a ser visto de forma diferente, podendo ser considerado um quase branco, portanto, apto a casar-se com um indivíduo não-negro. Assim como demonstrou Fanon (2008) ao referir-se a negros moradores da França: Além de se destacarem economicamente, a partir do momento que eles tomam pra si a fala, o comportamento e as vestes francesas, aqueles negros não são mais visto como tal, e automaticamente passam a ser comparáveis a um branco. O segundo aspecto identificado na fala de D. Joana, é o das relações inter-raciais, mais especificamente, o casamento entre pessoas de cor diferente. Segundo ela, não existem casamentos entre “um preto famoso” e uma mulher negra, e na sua opinião é uma forma de racismo. Ainda de acordo com Fanon (2008), esse comportamento



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

baseia-se na formação histórica do sentimento de inferioridade que os negros criaram em relação aos brancos. A partir das experiências pessoais e sociais do indivíduo (discriminação, as piadas referentes a cor de sua pele e etc.) forma-se no seu inconsciente uma vontade de fuga, e o único meio fazê-lo é tornando-se parte do mundo branco através do casamento. Segundo o autor, “trata-se, apoiando-se em dados psicanalíticos, sociológicos e políticos, de edificar um novo meio familiar susceptível de diminuir ou mesmo eliminar detritos, no sentido anti-social do termo.” (FANON, 2008, p.58). Essa projeção é pensada não só para eles, mas também pra seus filhos. Assim, além de tornarem-se quase brancos, seus descendentes tem a possibilidade de nascerem totalmente brancos.

Apesar dessas dimensões social e econômica, também é importante considerar na fala a transferência para os próprios negros da responsabilidade sobre a reprodução do preconceito que lhes atinge. Esse tipo de transferência acaba, muitas vezes, contribuindo ainda mais para os silêncios e estigmas sobre as populações negras, por legar aos próprios agentes a responsabilidade sobre o racismo sobre eles construído, não relacionando essa construção às tensões entre os grupos étnico-raciais, nem ao histórico de marginalização de negros em negras em nossa sociedade. Acaba sendo reproduzida, desse modo, como estratégia de silenciamento sobre os fatores que operam na naturalização de uma suposta inferioridade das populações negras.

DA CONSCIÊNCIA NEGRA

O dia 20 de novembro é considerado pelo Movimento Negro brasileiro como um marco da luta negra, por se tratar da valorização de um dos seus principais líderes: Zumbi dos Palmares. A data é marcada todos os anos por festas e lutas, em defesa da identidade negra, contra a discriminação racial. No bairro Francisco Coelho, o dia também é marcado por uma série de eventos musicais e teatrais, com preocupação voltada, principalmente, para a construção da identidade negra entre os moradores do bairro. Por sua vez, segundo Secretária



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Geral da Associação de moradores, Rosângela ou Rosinha, os moradores ainda não veem as atividades como espaços de discussão sobre as populações negras. Segundo ela:

Eu, particularmente acho que eles [os negros] veem só como um dia de festa, o que infelizmente não é o objetivo, né [...] mas eu vejo que as meninas negras, negras mesmo, de pele negra elas são assim: “Ai, é o dia da consciência negra!” Elas vem, elas mesmo, porque tem o desfile, né, da consciência negra que era difícil colocar elas pra desfilarem porque elas tinham vergonha, né, de serem chamadas de negra.

Percebe-se que apesar de o dia não ser destinado exclusivamente para discussão e formação, as atividades promovidas no bairro dão subsídio a noção de pertencimento racial, principalmente entre as crianças do sexo feminino. Entretanto, a ideia de “um dia de festa” ainda é frequente entre eles. Segundo a mesma colaboradora, muitas das pessoas que participam do evento não sabem o porquê de ele estar acontecendo, fato que Rosinha justifica por conta da distância entre um evento e o outro, que deveria acontecer periodicamente. Em seguida, volta a citar as meninas negras referindo-se a vergonha que elas sentem em relação aos seus cabelos e que apesar da diminuição por causa do desfile que acontece dia 20, ainda é frequente.

De acordo com Alberti e Pereira (2005), os debates, as leituras e formações originados desse tipo de organização e atividade são os principais vetores capazes de promover a afirmação étnico-racial, tanto dos grupos envolvidos na coordenação, quanto entre os grupos de participantes. “Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer outro ser humano ‘normal’” (MUNANGA, 2012, p 43).

Além do termo “oriundo da raça negra”, chamou nossa atenção quando nossa entrevistada usa o termo “negras mesmo” referente as meninas negras que participam do desfile. Ao perguntarmos sobre o significado desses termos, percebemos que dentro do grupo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

chamados por Rosinha de “negros” existem outros termos classificados hierarquicamente, definidos a partir da sua noção do que é bonito e o do que é feio.

Eu me considero negra, mas eles [os moradores] não me chamam de negra, essa cor aqui [apontando pra sua pele] é morena – que não existe essa cor, né? - ainda tem aqui os morenos. Negro, negro, negro mesmo de pele, eu tenho uma neta que é chamada de negra, né, de pele negra. O cabelo hoje, né, graças a Deus não nasce com um cabelo tão ruim, eu acho que, né, (em tom de piada) a genética foi alterando ao longo do tempo, mas elas não mais com o cabelo tão ruim. Mas tem algumas que ainda tem o cabelo *toin-oïn-oïn*, mas a grande maioria são negras do cabelo encaracolado ou liso. São assim, bem bonitas mesmo as nossas negras.

Essa não concordância quando se fala de cor é gerada principalmente pelo medo da discriminação e leva muitos negros e negras, em especial os adolescentes a “clarear” sua pele, se identificando e se caracterizando como um indivíduo pertencente a um grupo de cor mais claro do que o seu. Sansone (2007) exemplifica esse fato quando estuda uma comunidade na Bahia: segundo o estudo, poucas pessoas se auto-enquadravam no grupo de pessoas negras, geralmente encaixando-se em outros grupos criados culturalmente, como por exemplo, “cor de jambo” ou “bege”. Nesse sentido, a partir de nossas entrevistas, identificamos uma linha vertical classificando as mulheres negras que parte daquelas que possuem cabelos crespos (chamados de cabelos ruim) e vai até as que possuem os cabelos cacheados ou lisos (chamados de cabelos bons). Ao ser indagada sobre os processos químicos usados pelas mulheres do bairro e se adequarem ao padrão de beleza feminina, Rosinha no diz:

Eu acho tão lindo o cabelo cacheado bem cuidado, né, o problema é que elas não sabem como cuidar desse cabelo cacheado. Aí a maioria tem aquele cabelo, como chama? A farofa, né? A farofa, aquela perucona. Aí elas ficam com vergonha porque não sabem cuidar do cabelo, que é um cabelo muito bonito por sinal. E sou contra as escovas da vida. Sou totalmente contra. Lá em casa, ainda bem, a minha neta mais velha, ela é negra mesmo, pele negra, puxou pro pai bem escura, mas o cabelo é igual ao meu: bom. Bem pretinho, ela é muito bonita, mas se tivesse *toin-oïn-oïn*, eu



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

não ia apoiar fazer, só quando ela crescesse, por conta dela, né, porque enquanto ela estiver sob o meu domínio, eu não acho legal. Não acho mesmo. Eu acho que a origem é tudo, né. Eu não apoio, não acho bacana.

Apesar de considerar sua neta negra, fez questão de nos informar que ela não possui o cabelo crespo e que é negra graças ao seu pai, que também é negro. Nesse sentido, a ideia de cabelo crespo presente na fala de Rosinha é de que quanto mais branca a pessoa for, melhor, também, que a grande maioria das mulheres não aceita ter o cabelo toin-oin-oin e deseja fazer relaxamento capilar, a definitiva e o que for possível para ter o cabelo mais liso. Esse fato é provocado principalmente por conta da inferiorização social, da dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e à educação que a comunidade negra sofre desde o período colonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como foi visto, a discussão sobre a temática étnico-racial em nossa região tem se dado paulatinamente, mas é claro que ainda há necessidade de se discutir mais profundamente, principalmente em relação as mulheres negras que tanto sofrem com as mais diversas invisibilidades e discriminações. O estudo da mulher negra no “Cabelo Seco” mostra-se relevante, pois mesmo a mulher negra sendo considerada como um elemento importante na construção do bairro, ela não tem merecido o devido destaque que é o papel de protagonista dentro da história da cidade, do bairro nem mesmo nos trabalhos já realizados sobre o bairro; talvez isso seja resultado de uma sociedade pautada em valores patriarcais e que naturalizam hierarquias entre os grupos étnico-raciais.

Discutir a construção de uma identidade negra se torna mais difícil ainda devido à toda negação dessa identidade já sofrida ao longo da história da população negra. Por se tratar de uma pesquisa inicial ainda não foi possível chegarmos a resultados mais específicos, mais já podemos dizer que a discussão de uma identidade negra no bairro “Cabelo Seco” é pouco observada por parte da população entrevistada na pesquisa. O único evento realizado no



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

bairro referente à população negra é a consciência negra que é realizada no dia 20 de novembro, que busca retratar a questão da identidade negra é visto por muitos como mais um dia de festa e não é compreendido como um dia resistência ao preconceito, discriminação e de construção da identidade negra no local, mais assim como possui pessoas que não sabem há também algumas que reconhece o seu significado mesmo sendo em numero muito reduzido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTÍ, Verena. **Fontes orais: Histórias da história** in: Fontes históricas. 2.ed., 1ª reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Almicar Araújo. **Movimento Negro e “democracia racial” no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Disponível em < http://cpdpc.fgb.br/producao_intelectual/arq/1504.pdf > Data de acesso: 02/03/2015

BENTES, Nilma. **Aspectos da trajetória da população negra no Pará: aspectos relevantes**. Belém: UFPA, GEAM, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. – 3.ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. – (Coleção Cultura e Identidades)

OLIVEIRA, Eric de Belém. **Cabelo Seco: no encontro dos rios, encontros de memórias/ 2008/55 páginas/Trabalho de Conclusão de Curso/ UFPA/ Marabá/PA**.

RODRIGUES, Valdir da Cruz. **Definições de cor e relações raciais em Marabá/PA: O bairro do “Cabelo Seco”/2005/30 páginas/Monografia/UFJF/Marabá-PA**.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, Renato E. **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais**. O negro na geografia do Brasil. BH: autêntica, 2007



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SILVA, Idelma Santiago da. **Migração e Cultura no Sudeste do Pará: Marabá (1968-1988)**/2006/185 páginas/Dissertação/ UFG/Goiânia-GO.

SANSONE, Livio. **Negritude sem Etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil**. Salvador: Edufba; Pallas, 2007.